

[135]

O ‘ecologista cético’

01-07-02

[Livro polêmico analisa as interpretações tendenciosas do ecologismo militante das ONGs]

[Dinamarquês se atreveu a pôr em xeque a boa-fé de ambientalistas eminentes]

É raro que um livro cause polêmica tão esquisita, e ao mesmo tempo tão frutífera, quanto *O Ecologista Cético* do dinamarquês Bjorn Lomborg. Esse jovem professor universitário abandonou a militância no Greenpeace para se tornar o principal crítico mundial do catastrofismo ambiental. E apesar de ter sido publicado em sua terra natal há quatro anos, o livro só começou a ser realmente debatido há 8 meses, quando a Cambridge University Press lançou impressionante edição revisada de 352 páginas de texto impresso com letras de minúsculo corpo, seguidas de 2.930 notas e mais de 1.400 referências bibliográficas. Uma montanha de informações, mas que até pode ser insuficiente para o ambicioso objetivo de fazer uma avaliação quantitativa da real situação do planeta, como avisa o subtítulo: *Measuring the Real State of the World*. Ou seja, é uma obra que certamente servirá muito mais à consulta, do que a uma improvável leitura de cabo a rabo. E ela logo estará disponível em português, além de alemão, italiano, sueco e coreano.

Dotado de extraordinário espírito de síntese, esse precoce mestre escandinavo de estatística para cientistas políticos se empenhou em passar um pente fino pelos principais exageros e interpretações tendenciosas do ecologismo militante praticado por uma infinidade de ONGs. Repercutidos sem qualquer senso crítico pelos meios de comunicação de massa, esses mitos cada vez mais penetram nos livros escolares, fazendo com que muitos jovens passem a acreditar que o mundo está seriamente ameaçado pelo derretimento dos pólos, ou que as florestas amazônicas estejam condenadas a desaparecer se não escaparem da soberania de nações latino-americanas. Mas a crítica impiedosa de todas as lendas que já foram inventadas sobre a possibilidade de um Armagedon provocado pela cobiça das sociedades contemporâneas não é o principal objetivo do livro. Além de execrar esse besteirol, o autor pretende que sejam hierarquizados os verdadeiros riscos e incertezas ambientais. Isto é, que se faça rigorosa comparação entre os benefícios e os custos de cada uma das propostas que vêm sendo amplamente debatidas nos fóruns internacionais para a salvação ou recuperação dos grandes ecossistemas. (Poucas estarão, aliás, na pauta da improvisadíssima “Rio+10”, com início previsto para o final de agosto em Johannesburg).

Apesar de todas essas qualidades, a ousadia de Bjorn Lomborg foi literalmente massacrada pelos expoentes da comunidade científica anglo-saxã que se pronunciaram em dossiê organizado pela revista *Scientific American* de janeiro. Quem lê esse material é levado a pensar que o autor não tem qualquer legitimidade, e que não há nada de verídico em suas análises. Alguns, contudo, talvez fiquem com uma pulga atrás da orelha. Por que será que tão nobres cientistas estariam reagindo de forma virulenta, sem sequer entrar nas boas questões de fundo? Por que teriam evitado discutir as comparações de custo-benefício apresentadas no livro? Certamente porque se sentem agredidos e ameaçados, já que o jovem dinamarquês se atreveu a pôr em xeque a boa fé de algumas eminências de sua comunidade. E mesmo que o autor não tenha tido essa intenção, seu livro é uma ótima lição de que não se deve deixar de duvidar de afirmações tidas como definitivas só porque foram feitas por cientistas famosos.

O problema é que muitos pesquisadores concordam com as seguintes ponderações, publicadas pela revista *Discover* de outubro de 1989, e agora reproduzidas na edição de junho da revista *La Recherche* por seu

editor Olivier Postel-Vinay: “Nós não somos somente cientistas, mas também seres humanos. Tanto quanto ocorre com outras pessoas, nós também gostaríamos de viver num mundo melhor. Isso se traduz, para nós, na tarefa de reduzir o risco de uma mudança climática potencialmente desastrosa. É preciso capturar a imaginação do público para obter amplo apoio. O que exige, é claro, que se consiga uma grande cobertura de mídia. Por isso, precisamos apresentar cenários amedrontadores, fazer declarações simplistas capazes de impressionar, e manifestar o menos possível as dúvidas que possamos ter”.

Não é difícil encontrar falhas num livro que pretende apresentar balanços das situações em que estão todos os grandes ecossistemas do planeta. Mas utilizar essas falhas para tentar desqualificar seus propósitos de fundo, ou até a reputação do autor, é uma atitude que nada tem a ver com o espírito científico. Pode até ser compreensível que a militância verde de ONGs, ou dos sindicatos, mostre repugnância por um livro de abale suas crenças. Mas é a atitude diametralmente inversa a que se espera dos que se dedicam à pesquisa científica. Estes não podem temer nada que os ajude a duvidar de suas próprias convicções. Não podem desprezar *The Skeptical Environmentalist* só porque ele foi massacrado nas páginas da *Scientific American*. E certamente não é o que deverá ocorrer na 54^a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a realizar-se em Goiânia, de 7 a 12 de Julho, e cujo programa está na página <www.sbpcnet.org.br/54ra>.

José Eli da Veiga é professor titular da FEA-USP e secretário do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (CNDRS). Home page: www.econ.fea.usp.br/zeeli/